

A IMPORTÂNCIA DOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO PARA O FORTALECIMENTO DO COOPERATIVISMO SOLIDÁRIO: ESTUDO SOBRE O PROGRAMA AGENTES DA CRESOL BASER

Eje temático: 8- La extension y el desarrollo rural

Apellido y nombre: Pérez, Stéfani Tamara; Búrigo, Fábio Luiz

Pertenencia institucional: Centro de Ciências Agrárias – CCA, UFSC

Dirección de correo electrónico: stefaniperez1@gmail.com; fabio.burigo@ufsc.com.br

Resumo

Os programas educacionais são estratégicos para o aprimoramento da governança cooperativa e para qualificar suas ações no meio social, já que eles aproximam as organizações de seu quadro social e qualificam a formação de novas lideranças. Práticas de estímulo à educação contribuem também na fidelização dos associados e constituição de gestores alinhados com os princípios e objetivos cooperativistas. Porém, em muitos casos, a educação cooperativista confunde-se com ações de formação e capacitação que visam, principalmente, a divulgação e aprimoramento técnico da organização. Essas ações são desenvolvidas sem o uso de metodologias educacionais transformadoras e condizentes com os princípios cooperativistas. Este trabalho objetiva analisar os processos educativos realizados pela Cresol Águas Mornas, cooperativa localizada no litoral de Santa Catarina. Além da pesquisa documental e revisão sobre o tema, foram entrevistados cooperados e idealizadores do Programa Agentes Comunitários de Desenvolvimento. Conclui-se que o Programa conseguiu avanços em termos formativos e informativos, mas não gerou processos educativos substantivos, em razão de dificuldades operacionais e diferentes expectativas observadas entre executores e idealizadores durante sua execução. Apesar das limitações, suas ações fortaleceram o quadro social e demonstraram como a educação cooperativa pode qualificar a governança cooperativa e promover o desenvolvimento das comunidades em que atua.

Palavras-chave: Cooperativismo, educação, educação cooperativista, participação.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, no Brasil e em outras partes do mundo nota-se que muitas cooperativas adotam um modelo de governança de natureza econômico empresarial e fundamentado na ordem capitalista. Porém, ao pensar o futuro do cooperativismo, não há como dissociar o seu desenvolvimento econômico dos seus objetivos sociais e ambientais. Assim, uma cooperativa que atua numa determinada região tem um compromisso intrínseco com os seus moradores: proporcionar conhecimento por meio de programas e práticas educacionais voltados para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Há diferenças quando se fala em um programa educacional e um programa de formação. A formação leva ao cooperado conhecimento técnico e objetivo, para um fim. A educação proporciona, além do conhecimento técnico, uma profunda reflexão sobre a realidade do

próprio cooperado, no qual ele pode trazer elementos por meio da sua participação e trocar experiências com os demais associados. Para que essa troca de saberes, a partir de ações educativas, aconteça de fato em uma cooperativa, os associados necessitam se identificar com a cooperativa. Sentir-se parte da cooperativa.

Para diferenciar-se dos bancos comerciais, a cooperativa de crédito precisa atuar muito próxima à sua base social. Uma das estratégias da cooperativa para alcançar essa aproximação com o quadro social é justamente por meio de ações que estimulem a participação ativa dos cooperados. Nesse sentido é importante analisar como relacionar os programas de educação e formação com esse estímulo a participação do cooperado. E como esses programas podem contribuir para o desenvolvimento da comunidade.

O Programa institucional Agentes Comunitários de Desenvolvimento, criado pelo Sistema de Cooperativas de Crédito com Interação Solidária Cresol Baser e seu coligado, o Instituto de Formação do Cooperativismo Solidário (Infocos), hoje denominado de Cresol Instituto¹, evidencia a importância dessa identificação. A manutenção do Cresol Instituto é feita por meio de políticas de rateio de custos entre as cooperativas filiadas. O Instituto trabalha na prestação de serviços voltados ao fortalecimento do cooperativismo solidário. O Programa Agentes é financiado e executado por cooperativas locais, as chamadas “cooperativas singulares”, ligadas ao Sistema Cresol. Essas cooperativas estão inseridas em diversas regiões do país. De acordo com dados da Cresol Baser, existiam 60 cooperativas singulares que executam o Programa, envolvendo cerca de 1300 participantes, e atualmente envolve público diverso, dentre eles agricultores, empreendedores, microempreendedores individuais, autônomos, servidores públicos e outros, denominados Agentes. Elaborado em 2000, o Programa foi criado com o objetivo de constituir-se como uma aproximação entre quadro social e direção e entre a comunidade e a cooperativa, além de estimular a participação dos associados e formar lideranças. A ideia de sua criação surgiu com a necessidade de envolvimento maior das diretorias com o quadro social, para que a cooperativa pudesse conhecer melhor os anseios do cooperado e, por consequência, da sua comunidade.

Neste trabalho buscou compreender os avanços e limites alcançados pelo Programa Agentes Comunitários de Desenvolvimento no que se refere ao fortalecimento do cooperativismo e desenvolvimento das comunidades, especificamente na região litorânea catarinense, por meio da cooperativa singular Cresol Águas Mornas, hoje denominada Cresol

¹ Essas duas organizações estão sediadas no município de Francisco Beltrão, no Estado do Paraná.

Vale Europeu². Atualmente, a Cooperativa Vale Europeu conta com 32 agências de relacionamento e é a maior cooperativa singular do Sistema Cresol Baser, contando com cerca de 24 mil cooperados, composto por associados de toda região do litoral de Santa Catarina. Em 2017, inaugurou-se a primeira agência fora do Estado, resultado do processo de incorporação de uma cooperativa já existente no município de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro.

Portanto, o objetivo principal deste trabalho foi analisar os processos educativos cooperativistas, como esses contribuíram para o fortalecimento do cooperativismo e, conseqüentemente para o desenvolvimento da comunidade. Pretendeu-se, ainda, em seus objetivos específicos: 1) tendo em conta a distinção entre o caráter educativo, formativo e informativo previstos no quinto princípio do cooperativismo, avaliar suas diferentes implicações na atuação das cooperativas; 2) analisar o Programa Agentes Comunitários de Desenvolvimento desenvolvido pelo Sistema Cresol sob o ponto de vista da educação cooperativista e dos ideais do cooperativismo solidário; 3) estudar o funcionamento prático do Programa Agentes na Cresol Águas Mornas, visando compreender seus potenciais e limites e discutir sua importância para o futuro da Cooperativa.

Em termos metodológicos, essa pesquisa apresenta um caráter exploratório qualitativo. Além das conversas informais com dezenas de pessoas envolvidas com a experiência, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 13 pessoas no total. Dessas 13 entrevistas, 07 aconteceram com os Agentes participantes do Programa da Cresol Vale Europeu. A principal característica deste público é ser agricultor familiar cooperado da Cresol, ou que possui vínculo com a agricultura. Entre eles predominam jovens, tanto homens quanto mulheres. Dos 12 agentes participantes do programa, 07 responderam a esta pesquisa, ou seja, mais da metade do público em questão. Em contrapartida foram realizadas outras 06 entrevistas com Idealizadores do Programa, que trabalham na Central Cresol Baser e no Cresol Instituto, com funções de coordenação ou execução do Programa junto às comunidades. As entrevistas ocorreram no período de 25 de setembro a 09 de outubro de 2017. Também foi realizada uma revisão de referências com base na literatura relacionada aos temas da educação cooperativista e do cooperativismo, bem como uma análise documental nos materiais elaborados pelo Programa

² Quando aplicada a pesquisa em questão (2017), a cooperativa singular era denominada Cresol Águas Mornas e estava iniciando seu processo de fusão com outras 04 cooperativas do litoral catarinense e possuía no seu quadro social cerca de 8 mil cooperados. Aqui, o processo de fusão das cooperativas não é o foco do trabalho e sim o processo de educação cooperativista que se desenvolve na cooperativa.

Agentes Comunitários de Desenvolvimento, como cartilhas, manuais, apostilas e reportagens produzidas pelo Instituto e pelo Sistema Cresol Baser.

Este artigo foi estruturado em 05 seções, para além da sua introdução. Na seção 01, explica a metodologia adotada pelo trabalho. A seção 02 apresenta uma síntese da revisão teórica sobre educação cooperativista, tema conceitual central deste estudo. A terceira fala sobre o surgimento do Sistema Cresol e da cooperativa Cresol Vale Europeu e dos objetivos do Programa Agentes Comunitários de Desenvolvimento. A seção 04 apresenta os principais resultados da pesquisa de campo e as análises das entrevistas efetuadas com os participantes e idealizadores do Programa. Por fim, a seção 05 reúne algumas conclusões e sugestões para novas investigações.

1 METODOLOGIA

A pesquisa que embasou este trabalho foi de natureza qualitativa e exploratória. Suas ações foram divididas em 03 etapas. Na primeira etapa foi realizada uma revisão da literatura em que foram compilados autores renomados no âmbito da educação cooperativista e cooperativismo em geral, para subsidiar a análise crítica do fenômeno investigado. Além disso, ocorreu uma pesquisa documental em materiais do Cresol Instituto e do Sistema Cresol Baser, especialmente nos aspectos relacionados à educação cooperativista. Ainda nessa etapa, buscou-se avaliar os conteúdos das cartilhas do Programa Agentes Comunitários de Desenvolvimento.

Na segunda etapa foi realizado o trabalho de campo, envolvendo observações diretas dos autores e a realização de entrevistas. As observações se deram em torno das práticas e da realização de conversas informais com pessoas atuantes no Programa Agentes Comunitários de Desenvolvimento na região de Águas Mornas. Essa etapa de observação foi realizada entre os meses de julho e outubro de 2017. Concomitantemente, para as entrevistas, foi organizado um questionário semiestruturado, envolvendo questões de respostas abertas. Notou-se que alguns participantes do programa Agentes não quiseram responder os questionários. Porém, acredita-se que o total de entrevistas foi suficiente para compreender o tema em análise, visto ser esta uma pesquisa de cunho qualitativo. No total, foram entrevistados 07 participantes do Programa (Agentes) de 12 participantes do programa na Cresol Águas Mornas. Considerou-se esse número representativo visto que mais da metade dos agentes respondeu ao questionário. Além disso, foram entrevistadas 06 pessoas que exerciam funções de idealizadores, coordenadores ou executores do Programa. As entrevistas ocorreram no período de 25 de setembro a 09 de

outubro de 2017. A técnica de entrevistas apresentou benefícios para o entrevistador e o entrevistado, como a flexibilidade do tempo, permitindo o aprofundamento dos assuntos, e a inclusão de fatos novos, não abordados antes (BONI; QUARESMA, 2005). As entrevistas ocorreram de forma presencial, para que assim se conseguisse abranger outras questões não previstas no roteiro, mas que se demonstraram relevantes durante a entrevista. Todas as enquetes foram gravadas e, após isso, transcritas, para classificação e sistematização das informações coletadas.

A terceira etapa envolveu a análise dos dados e das informações obtidos nas conversas e nas entrevistas e a redação final do artigo. Os trechos das entrevistas com maior grau de divergência e coesão foram comparados e elevaram o nível de compreensão do Programa, além de contribuir significativamente para aprofundamento de alguns pontos específicos. Alguns trechos das respostas dos entrevistados foram utilizados na elaboração final do trabalho, para que, assim, fosse dada a oportunidade para se “ouvir a voz” dos entrevistados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As concepções de educação e os desafios da educação cooperativista

O ser humano é o protagonista do seu próprio desenvolvimento. Ele é o único ser capaz transformar o meio em que vive (RUAS et al., 2006). No entanto, o ser humano, mediador desse processo de transformação do meio, necessita ser educado para que a modificação perdure ao longo dos anos e gerações.

Os conceitos de pedagogia vêm sendo permanentemente reformulados, acompanhando as mudanças de valores e manifestações culturais observadas nas sociedades. Nos dias atuais, a pedagogia é discutida por muitos autores que se dedicam a dar novos rumos à educação. Diante das conceituações pedagógicas, que estão sempre relacionadas a uma concepção de mundo, a educação também está intrinsecamente ligada aos modelos de desenvolvimento adotados por uma sociedade. Portanto, as correntes pedagógicas são as diferentes maneiras sob o qual a educação é entendida, teorizada e praticada. No decorrer do tempo, diferentes concepções e metodologias nortearam as práticas da educação.

Em suas práticas, alguns agentes e pensadores da educação adotam o que Paulo Freire, um dos maiores pedagogos do mundo, denomina de “educação bancária”, na qual o professor é detentor do saber e seu aluno é um ser que está vazio em termos de conhecimento

(FERREIRA; SILVA, 2015). Pela concepção de Freire, a educação bancária transforma os homens em recipientes a serem preenchidos por aqueles que julgam saber ensinar. Esse ato acaba por defender os interesses do opressor, que trata os homens como seres vazios e dependentes. Na concepção de Paulo Freire, a prática educacional baseada nesses moldes não contribui para formação de sujeitos ativos e críticos.

Em oposição ao pensar bancário, Freire (1987) propõe que a educação seja pensada de forma dialógica, considerando o saber do educando, instigando-o a participar do processo educacional. Ele buscou defender a conscientização dos homens como forma de superar sua alienação (RUAS et al., 2006). Essa concepção tem como ideal abrir caminho para libertação dos oprimidos (FERREIRA; SILVA, 2015) visto que Paulo Freire sempre revelou uma profunda crença no indivíduo humano, na sua capacidade de educar-se como sujeito da história. Dessa forma, todo seu estudo está interligado à valorização real do homem, partindo do princípio que todo ser humano é único. Que todo indivíduo possui saberes, cultura, história e valores que devem ser reconhecidos.

Uma das vantagens da educação libertadora, defendida por Paulo Freire, é a capacidade do educando poder tomar decisões a partir de uma visão crítica da realidade. Os atores sociais envolvidos no processo educacional buscam construir um novo olhar sobre a realidade, no qual não existem verdades absolutas. Outra contribuição da pedagogia de Paulo Freire é a compreensão do homem como sujeito da própria história. Esse princípio constitui a base de um processo participativo de desenvolvimento sustentável e coloca o ser humano como protagonista da sua evolução (RUAS et al., 2006).

No Brasil, uma concepção libertadora da educação começa a ser construída pelos movimentos sociais populares nas décadas de 1950-1960, até o processo ser afetado pelo golpe militar de 1964. Também nas cooperativas esse processo sofreu intercorrências, que afetaram as práticas e concepções que essas organizações desenvolvem até os dias atuais.

2.2 Educação, formação e informação

A educação é um processo de construção da aprendizagem, no qual há reflexão e envolvimento das pessoas. Nesse processo, existe forte interação e participação entre os indivíduos, não é simplesmente um ato de recepção de informações, é de interação, de ouvir e de participação. A educação é base de um processo de transformação. A pessoa se transforma e se torna apta a transformar outras pessoas, é uma dialética de caráter subjetivo. A formação,

no entanto, possui caráter mais específico e pontual, sendo direcionada principalmente aos colaboradores, dirigentes e funcionários, e também aos associados. Em geral, numa cooperativa a formação não é muito voltada à comunidade externa, embora possa haver exceções nesse sentido. Os cursos de qualificação sobre educação financeira, direcionados a cooperados de uma cooperativa de crédito, por exemplo, podem ser compreendidos como formação. \pode se dizer, que a formação se refere a um conhecimento técnico sobre algo, no qual não há necessariamente transformação pessoal mais profunda. O indivíduo recebe informações específicas e o caráter da formação é mais objetivo.

É importante demarcar as diferenças entre a educação, a formação e a informação, mas muitas vezes essas práticas diferentes devem ser entendidas como complementares. A partir do momento em que o indivíduo adquire conhecimento e se modifica, ele transforma o ambiente em que vive, influenciando as pessoas e seu modo de ver as coisas, aí há educação de fato, muitas vezes por meio de um processo oculto. Há reflexão e troca de saberes. Já na formação há uma transferência de informações, técnica e, por vezes, superficial. As pessoas ouvem e reproduzem o conteúdo. E ainda, diferentemente das anteriores, a informação pode ser considerada a divulgação de dados ou números do sistema cooperativo e cooperados, como, por exemplo, informativos, banners. É o caminho no qual o associado pode vir a conhecer uma cooperativa. Dito isso, uma boa informação pode abrir o canal de acesso aos benefícios da cooperativa. A divulgação de informações dentro de uma cooperativa é sem dúvida, realizado permanentemente (FERREIRA; SILVA, 2015).

Na educação, o indivíduo aprende, transforma-se e transforma seu meio. Nesse contexto, os programas de educação cooperativista podem realizar um papel fundamental e libertador, envolvendo e valorizando o associado de uma forma muitas vezes não vista no sistema de educação tradicional.

De acordo com Machado, Campos e Paludo (2008), a pedagogia em si existe somente quando pode ser transformada em prática. E por trás de toda prática educacional há uma pedagogia. Os programas na cooperativa, são práticas educacionais. Tudo aquilo que for considerado necessário ao cooperado, pode ser pauta da educação cooperativista. Por isso, a cooperativa, a partir de seus programas educacionais, torna-se agente de desenvolvimento pessoa e da localidade. Os resultados desses programas podem ser positivos e duradouros, ao

serem incorporados pelas famílias e adaptados à cultura do local onde são aplicados (FERREIRA; SILVA, 2015).

3 O SISTEMA CRESOL E A COOPERATIVA CRESOL ÁGUAS MORNAS

No fim da década de 1980, as lutas populares de agricultores do Sudoeste do Paraná em prol do acesso ao crédito rural e da construção de alternativas para o futuro da agricultura, levaram à estruturação de um sistema de financiamento para a agricultura familiar (CRESOL INSTITUTO, 2016). Denominado de Fundo de Crédito Rotativo (FCR), esse sistema administrava recursos vindos de organizações filantrópicas europeias, com o objetivo de apoiar o desenvolvimento da agricultura familiar no Brasil, financiando estruturas produtivas aos agricultores que não acessavam linhas de crédito no sistema financeiro convencional. Esse fundo era coordenado pela Associação de Estudos, Assistência e Orientação Rural (Assesoar), localizada em Francisco Beltrão e seu crescimento gerou dificuldades de gestão dos projetos aprovados. Em 1995, suas lideranças resolveram replicar parcialmente o modelo de criação de cooperativas de crédito, desvinculadas das grandes cooperativas de produção agrícola, que estava mobilizando os agricultores familiares de algumas regiões de Santa Catarina, para constituir o Sistema Integrado de Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária - Cresol (CRESOL INSTITUTO, 2016).

Muitos outros fatores auxiliaram na expansão inicial do Sistema Cresol, tal como o surgimento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), criado pelo Governo Federal, em 1995. O Pronaf impulsionou o acesso às linhas de crédito de pequenos agricultores. Além dos convênios com o Banco do Brasil para disponibilizar os recursos do Pronaf e de outras linhas de crédito rural oficial, o Sistema Cresol conseguiu firmar parcerias com o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que hoje resultaram na criação da maioria das linhas de financiamento existentes no interior desse sistema (BÚRIGO, 2007). Atualmente, o Sistema Cresol conta com um modelo organizacional alicerçado por uma confederação e quatro centrais. O Sistema já está presente em 17 estados brasileiros, nos quais mais de 500 mil cooperados são atendidos nas 91 cooperativas singulares e 528 agências de relacionamento. Em 2005, a importância estratégica da educação e formação

para colaboradores, conselheiros e comunidade de origem, no interior da Cresol Baser, ao Infocos e que posteriormente se transformou no Cresol Instituto.

No ano de 2005, em Águas Mornas, município da Grande Florianópolis, os agricultores familiares, com o auxílio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais desse município, criaram uma cooperativa de crédito voltada aos seus interesses, seguindo o movimento de expansão do cooperativismo solidário que ocorria em muitas partes do sul do Brasil. Apesar de já produzirem alimentos com qualidade e estarem próximos da capital e de grandes centros de abastecimento – um dos fatores relevantes para seu relativo sucesso econômico – lhes faltava ajuda financeira suficiente para aprimorar sua produção e impulsionar o desenvolvimento do meio rural do município com a diversificação de suas atividades. Havia necessidade de mudar as compreensões acerca dos processos de transformação no campo desencadeados pela modernização da agricultura.

Foi uma iniciativa ousada, porém necessária para aqueles tempos em que havia apenas bancos atuando na região. Fruto de seu trabalho, a Cresol Águas Mornas, como era chamada, se adaptou às necessidades da região, trazendo inúmeros ganhos socioeconômicos. No ano de 2018, de acordo com a crescente tendência de centralização e fortalecimento das cooperativas em estruturas de maior escala adotada pelo Sistema Cresol nos últimos anos, a Cresol Águas Mornas passou por um processo de fusão com outras 04 cooperativas do litoral catarinense. Junto com a Cresol Botuverá, Cresol Schroeder, Cresol São João do Itaperiú e Cresol Ituporanga, a Cresol Águas Mornas constituiu a Cresol Vale Europeu³.

3.1 Programa Agentes Comunitários de Desenvolvimento: evolução e limites

O Programa escolhido como referência empírica para elaboração deste artigo foi o Agentes Comunitários de Desenvolvimento. Além de ser um dos mais antigos programas do Sistema Cresol, pois foi concebido 05 anos após a sua fundação, ele passou por diversos aprimoramentos que o tornaram um programa referência dentro do Sistema. Ademais é um dos

³ Atualmente, existe um projeto aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que analisando a reestruturação dos processos de educação cooperativista na Cresol Vale Europeu. O projeto é conduzido por um grupo de pesquisadores do Laboratório de Estudos da Multifuncionalidade Agrícola e do Território (Lemate) da Universidade Federal de Santa Catarina, do qual os autores fazem parte.

únicos programas que possibilitam a formação de lideranças a partir do trabalho efetuado diretamente nas comunidades.

Criado em 2000, o Programa Agentes Comunitários de Desenvolvimento tem o objetivo de ser uma referência entre quadro social e direção, um elo entre a comunidade e a cooperativa. Segundo seus idealizadores, o Programa surgiu com a necessidade de fortalecer o envolvimento das diretorias com a base social das cooperativas, pois os diretores e presidentes não conseguiam acompanhar o desenvolvimento e as dificuldades das diversas comunidades em que atuavam. Assim, o próprio Agente, na figura de representante da região, recebe formação por meio de encontros mensais nas cooperativas junto com Agentes de outros municípios. E, ao mesmo tempo, traz informações dos cooperados da sua comunidade para conhecimento da cooperativa. Um indivíduo que participou do processo de criação do Programa Agentes, e hoje presta serviços para Cresol de forma terceirizada, em parceria com a área de formação, ilustra como surgiu a ideia do Programa:

Cinco anos depois da Cresol estar em pleno funcionamento, fomos nós numa reunião em uma comunidade do interior do município de Marmeleiro - PR e pedimos para os agricultores associados o que eles conheciam sobre a gestão da cooperativa. A afirmação foi enfática. Segundo manifestações deles, é bom porque é mais um “banquinho que veio ajudar os pequenos”. Com essa afirmação, caiu a ficha e deu para perceber que a Cresol estava distante, que os nossos sonhos de criar uma organização de crédito popular, que fosse gestada pelos agricultores era pura ilusão. No final dessa reunião, já no caminho de volta, dentro do carro mesmo, decidimos criar um programa que politizasse o cooperativismo, discutisse a gestão da cooperativa e se preocupasse com a capacitação de sua base social. Era fundamental recriar um ambiente positivo sobre o eixo cooperativismo para que a Cresol florescesse. É nesse contexto que nasce o programa de Agentes (ENTREVISTA COM IDEALIZADOR DO PROGRAMA, 2017).

Além de ajudar os associados a refletir sobre o futuro do cooperativismo nas comunidades, outro fator fundamental para a criação do Programa foi a necessidade de se formar lideranças para atuar nas diretorias das cooperativas. O Agente formado pelo Programa recebe capacitação e informação suficientes para atuar em um dos Conselhos de Cooperativa, por exemplo. A carga educacional que recebem não só vale para sua atuação dentro da cooperativa, também para sua valorização pessoal. Muitas vezes esses participantes do Programa tornando-se referências dentro da comunidade, na qual serão requisitados especialmente quando o assunto de debate for referente à Cresol, o crédito rural e o desenvolvimento da sua região.

Os objetivos do programa Agentes citados em material elaborado pelo Instituto são: conscientizar o Agente, que faz parte do quadro social da cooperativa, sobre como funciona o

cooperativismo; tornar o Agente, e sua propriedade, referência de produção local, pois com base na formação que recebe, ele pode materializar isso para sua vida; Incentivar as cadeias produtivas locais, bem como a produção, comercialização e beneficiamento; fortalecer a gestão participativa da cooperativa, bem como ter espaços para o Agente expressar-se e contribuir para o desenvolvimento da cooperativa; integrar e estar presente, incentivando e participando de momentos de formação com jovens e mulheres (INSTITUTO, 2016).

A operacionalização do Programa se dá por meio de realização de encontros dos associados que assumem o papel de Agentes. Nesses encontros, temas que envolvem o cooperativismo solidário e agricultura familiar servem como base para discussões e práticas coletivas, podendo essas práticas servir de referência para os agentes organizarem debates, encontros, e outros processos informais de formação envolvendo outros associados da comunidade, do município ou da região. A criação desse grupo de Agentes é realizada pela Direção da Cresol local. Os agentes são selecionados entre os associados da Cooperativa, preferencialmente oriundos de comunidades diferentes e que possuem boa capacidade de relacionamento.

É observado também se eles reúnem condições para colaborar na discussão de temas importantes para a Cooperativa, em especial sobre o fortalecimento da agricultura familiar e sobre papel do crédito como instrumento para a construção de um sistema de produção sustentável. Os encontros mensais dos Agentes têm duração de, aproximadamente, 02 horas, ocorrendo, geralmente, na última segunda feira do mês. Ao longo de um ano, há cerca de 08 encontros, totalizando 24 encontros ao longo dos 03 anos de duração do Programa. Após esse período, mudam-se os participantes e inicia-se uma nova turma, que é novamente renovada de 03 em 03 anos. De acordo com Ruas et al (2006), espaços sociais como esses encontros são o que torna possível a transformação do meio, resultado da ação do indivíduo como protagonista, se transformando e sendo transformado.

4 O RESULTADOS E DISCUSSÃO DO TRABALHO DE CAMPO

Um dos objetivos de realizar as entrevistas com participantes e idealizadores do Programa Agentes Comunitários de Desenvolvimento foi revelar e analisar o grau de importância do Programa para quem dele participa ou já participou. Procurou-se também identificar os possíveis benefícios que o Programa tem proporcionado às pessoas envolvidas e o retorno disso para as cooperativas do Sistema Cresol. As questões que se colocam nesse

sentido são: para estimular a participação do cooperado, os Programas necessitam ser de cunho educacional ou formativo? Como esses Programas podem contribuir para o desenvolvimento da comunidade?

A partir do quinto princípio do cooperativismo, da educação, formação e informação, procurou-se observar o quão educador, formador ou informador é o Programa, tendo em conta a perspectiva transformadora de educação cooperativista. A apresentação e discussão dos resultados obtidos foi dividida em tópicos, a seguir apresentados, para a sua melhor compreensão e tendo em vista os objetivos do artigo.

4.1 Importância e benefícios do programa na visão dos seus participantes e idealizadores

Dentre os participantes do programa Agentes, foi unânime a constatação sobre a relevância que o Programa possui nas suas vidas. Os benefícios desse Programa, elencados pelos entrevistados, demonstram que eles foram além da questão de melhoria da produção agrícola, ainda que a agricultura familiar seja um dos pilares dos debates promovidos pelo Programa. De acordo com o material de apoio do Programa, elaborado pelo Sistema Cresol e Cresol Instituto (Infocos), um dos grandes benefícios para quem participa do Programa Agentes é ter a oportunidade de receber e trocar experiências dentro da perspectiva do cooperativismo, qualificando a formação pessoal e também a rede de contatos com pessoas, entidades, universidades e organizações (INFOCOS, 2016). Além de formar lideranças que atuam diretamente na comunidade, o Agente pode ser escolhido para fazer parte da diretoria da cooperativa, ou conselho.

Os benefícios indicados pelos entrevistados vão muito além, referindo-se também à valorização e os conhecimentos adquiridos, que ajudam num processo de desenvolvimento pessoal.

Acredito que a participação dos agentes é de extrema importância para o Programa, pois aos nossos ouvidos chegam informações e críticas dos associados que provavelmente não chegam aos funcionários e demais responsáveis pela Cooperativa. Acredito que seja mais fácil para o sócio expressar o que pensa a outro sócio como ele, do que a um funcionário ligado diretamente ao órgão. E, desta forma, o Agente pode ajudar a cooperativa a melhorar e mudar o que for preciso (AGRICULTOR PARTICIPANTE).

Ao longo dos anos, com o crescimento da Cresol Águas Mornas e do Sistema Cresol em geral, houve a percepção de que os agricultores familiares associados às cooperativas tinham pouco conhecimento da proposta do cooperativismo solidário. Assim, o Programa busca o resgate de lideranças comunitárias para discutir o que é o cooperativismo e contribui para que eles compreendam melhor as decisões da cooperativa local. Ainda que o crédito seja o produto carro chefe da Cresol, há muitas variáveis envolvidas nesse contexto que fazem repensar as suas ações e que podem melhorar o funcionamento do Sistema e da cultura cooperativista. Isso é salientado no trecho de entrevista, a seguir, obtida de um agricultor familiar sócio da Cresol e participante do Agentes:

Com esse grande dinamismo nos dias atuais, o valor da cooperação tem se perdido. Nós, os pequenos agricultores, temos que nos unir para poder alcançar alguma coisa na vida. E a cooperativa reflete isso, quando facilita o acesso ao crédito para pessoas que estavam excluídas dos grandes sistemas financeiros por não movimentarem valores grandes (AGRICULTOR PARTICIPANTE).

O trecho de entrevista acima evidencia o papel atual da cooperativa de crédito. Retrata a dificuldade de um passado vivido por muitos agricultores que estavam excluídos do sistema financeiro. A cooperativa de crédito acaba por assumir uma função fundamental, que é construir estratégias para que esse agricultor se organize e se desenvolva nos mais diversos aspectos de sua vida, e que deve ser compreendida dentro da ótica do sistema capitalista que o circunda.

4.2 Compreensão dos objetivos do Programa pelos participantes e idealizadores

No que se refere à compreensão dos objetivos do Programa pelos participantes e idealizadores, pôde-se observar certa indefinição em relação ao papel no qual o Agente deve desempenhar. Acredita-se que essa situação é fruto de um sistema cooperativo em expansão (ainda em crescimento) e que é constantemente ajustado e adaptado às realidades locais e ao ambiente socioeconômico nacional e regional. Percebeu-se que na hora de aplicar a metodologia do Programa algumas lacunas foram encontradas, causadas tanto pelo mediador quanto pelo participante, revelando que a prática ocorre de forma distinta do que se espera nos manuais. Faz parte das ações determinadas aos Agentes colaborar nos debates, conversas e estudos junto aos associados, sobre a organização do cooperativismo com interação solidária, desenvolvimento sustentável, agroecologia na lógica da agricultura familiar (INSTITUTO, 2016).

Apesar de atualmente haver uma definição mais clara dos papéis dos Agentes, antes isso não ocorria, o que, na prática, pode ainda levar a se confundir essas funções em alguns

momentos. Por exemplo, o fortalecimento e a divulgação da marca e dos produtos comerciais da Cresol eram vistos como papéis do Agente. Mas, hoje esse tipo de atribuição parece não ter mais sentido, como retrata o comentário de um entrevistado que participou da criação e dos constantes ajustes do Programa.

O objetivo era disseminar o cooperativismo. No início, o papel do Agente era ser gerenciador de crédito. Antes, o Agente tinha a função de ir na comunidade e preencher propostas do Pronaf, por exemplo, e tinha metas para cumprir isso. Tanto que antes o nome do Programa era Agentes Comunitários de Desenvolvimento e Crédito. Após perceber que esta função não cabia mais ao Agente, o nome do Programa foi mudado (IDEALIZADOR DO PROGRAMA, CRESOL BASER).

Segundo idealizadores do Programa, o Agente é o espaço social onde se pode trazer os anseios do cooperado. Ao Agente cabe também trazer a dúvida do cooperado, que muitas vezes não tem a oportunidade de expressar-se com um dirigente.

Aqui se fala então da participação, do envolvimento do cooperado na tomada de decisão e fiscalização da cooperativa. Participação para além do envolver-se financeiramente na cooperativa, utilizando produtos e serviços, como cartão de crédito, cheque, seguro e outros. De acordo com Ferreira e Silva (2015), às cooperativas cabe o papel de educar e capacitar os associados para a participação, seja em reuniões, palestras, programas de rádio ou outros. Construir espaços para o cooperado falar e expressar-se é fator essencial do cooperativismo, ainda quando os próprios cooperados não entenderem suas opiniões como relevantes.

Ainda segundo Ferreira e Silva (2015), os benefícios da participação geram empoderamento, autoconhecimento, valorização pessoal, tolerância e consciência coletiva. No entanto, no caso da cooperativa Cresol Águas Mornas, apesar da importância dessa participação ser evidente nos discursos dos proponentes do Programa Agentes, quando se analisa a operacionalização desse Programa, observa-se um desencontro de ideias. De acordo com as informações coletadas no campo, ao mesmo tempo em que os dirigentes e idealizadores querem que o Agente seja participativo nos encontros, os próprios Agentes dizem não serem ouvidos pelos dirigentes das cooperativas. Os Agentes entrevistados alegam que, ainda que possam expressar sua opinião, esta parece não possuir relevância para cooperativa, pois não são levadas em consideração na hora das tomadas de decisões pela cooperativa. Em outras palavras, ainda que os idealizadores do Programa ressaltem em seus discursos essa importância da participação, os participantes ressaltam as limitações ainda existentes desse processo de construção coletiva.

Esse sentimento é assim explanado por alguns cooperados e participantes do Programa Agentes:

Só vai fazer sentido o Programa, quando a Cooperativa o escutar, mesmo que pareça ser impossível a sua colocação. A interface entre a cooperativa e o Agente é fundamental. Se não, pode-se criar um diálogo de surdos (IDEALIZADOR DO PROGRAMA, MEMBRO DO CRESOL INSTITUTO).

Sinto que minha participação não é valorizada. Os encontros são somente para ganharmos informação, é um bate papo. Não é dado espaço para opinião (PARTICIPANTE DO PROGRAMA, COOPERADO).

Essa divergência de ideias pode gerar frustrações para os distintos atores sociais envolvidos no processo de desenvolvimento do Programa. A acumulação desses problemas pode acarretar em insatisfação do participante e afetar, de certa forma, a comunidade em que ele está inserido, já que ele é o elo entre cooperativa e cooperado. Como se pode observar nas seguintes reflexões dos participantes, essa é uma limitação crucial a ser resolvida na execução do Programa:

Acredito que o Agentes não é algo levado a sério pela Cooperativa. No início do cooperativismo até poderia ser importante para a Cooperativa, hoje, parece que não tem importância que deveria ter, parece que é uma obrigação. As autoridades Cresol Águas Mornas tinham que dar mais atenção para o grupo de Agentes, que é a vitrine da Cresol. Agente na comunidade tem um papel muito importante (PARTICIPANTE DO PROGRAMA, COOPERADO).

As minhas expectativas não são totalmente atendidas, pois muitas coisas vão para a Cooperativa sem passar pelos Agentes, e aí as pessoas perguntam as coisas para nós na rua e nós não sabemos responder, pois nem estamos a par da situação...ficamos sabemos pela boca dos sócios (PARTICIPANTE DO PROGRAMA, COOPERADO).

4.3 O “retorno” do Programa Agentes para a Cresol

De acordo com o caderno do Agente elaborado pela Central Cresol Baser e Cresol Instituto, as consequências das ações do Programa para as cooperativas Cresol são inúmeras. Segundo o material, a dinâmica de integração entre públicos e ações, permite com que o Programa agregue associados às cooperativas que o realizam e faz com que haja conhecimento do seu quadro social. Isso contribui para o fortalecimento das políticas de análise de crédito, a partir de critério técnicos e avaliações especializadas, o que evita prejuízos à cooperativa (INSTITUTO, 2016). Além disso, a Cresol realiza e mantém o Programa para garantir o fortalecimento dos seus associados frente a um projeto de desenvolvimento regional em que a

cooperativa está inserida, sendo um forte instrumento para enfrentar desigualdades (INSTITUTO, 2016).

O Programa Agentes é um espaço em que a cooperativa tem a oportunidade de conhecer melhor o seu associado, e compreender quais ações que deve realizar de forma a fazê-lo crescer e desenvolver-se. Ou mesmo, de caráter mais específico, saber qual tipo de crédito está deficitário naquela região e conhecer seu cooperado. É a chance que cooperativa tem de ficar mais próxima do sócio e, em contrapartida, fazer com que este sócio se identifique com a cooperativa, no qual ambos têm a ganhar. Por meio dessa identificação, o cooperado poderá vir a ser fiel àquela cooperativa, num mundo de tantas ofertas de produtos, serviços e, inclusive cooperativas. Se olhar no âmbito apenas de produtos e serviços, na maioria das vezes, um agente bancário consegue oferecer serviços mais modernos e fáceis, se tiver interesse naquele público consumidor.

Porém, não há como separar totalmente o lado social/educacional do lado financeiro de uma cooperativa. Os dois andam juntos e interligados com o desenvolvimento de uma região. Então, analisando-se a partir de uma visão empresarial, o lado social tem o poder de sensibilizar o cooperado e, assim, pode ser que ele venha a adquirir distintos produtos e serviços de uma cooperativa que se preocupa com a comunidade dele.

Em uma visão sócio educacional, os benefícios são inúmeros. O lado social tende a construir identidade do associado com a cooperativa e gerar fidelidade dele. Além de que se estimula, por meio de programas educacionais únicos, a expansão de uma cultura educacional que trará diferencial para aquela comunidade. O Agente tem papel fundamental, equilíbrio econômico e social, na mediação, informação e construção coletiva de conhecimento na comunidade. Para os atores sociais vinculados à Cresol, a diferença dessa cooperativa para as demais organizações bancárias não advém de uma menor taxa de juros, mas sim da identificação entre associado e cooperativa, da constituição do cooperativismo como identidade de uma comunidade em questão. Essas e outras reflexões podem ser visualizadas abaixo:

O resultado econômico depende de uma ação socioeconômica. Eu construo a sensibilização do cooperado no momento que ele entende que cooperativa é algo dele, não é pelo produto e serviço, porque se for por produto e serviço ele vai ao banco e consegue algo mais fácil. É um conflito que temos. As pessoas pensam o contrário, pensam que cuidando do econômico o social virá (IDEALIZADOR DO PROGRAMA, CRESOL INSTITUTO).

Não podemos fazer o social e econômico mundos antagônicos. Eu só faço social com estrutura econômica desde que esse econômico vai dar respostas ao que os bancos não conseguem dar, desde que consiga incluir as pessoas,

vai gerar desenvolvimento. Não se pode separar esses mundos (IDEALIZADOR DO PROGRAMA, CRESOL INSTITUTO).

Muitas vezes, porém, os próprios funcionários também têm dificuldades de entender que o papel da Cooperativa vai para além do econômico. Especialmente os colaboradores mais novos, que não viveram a fase de construção inicial da Cooperativa em que a discussão sobre os seus ideais foi intensa, surge dificuldades nessa direção.

4.4 O Programa Agentes, de acordo com o quinto princípio do cooperativismo, e sua distinção de caráter educativo, formativo e informativo

Conforme citado anteriormente, o quinto princípio do cooperativismo ressalta a educação, a formação e a informação. Todas essas são essenciais para a sustentabilidade da cooperativa, entretanto, pouco se aprofunda sobre o real entendimento do princípio. Como se viu anteriormente, ainda que na teoria este princípio seja de fácil explanação, na prática a compreensão da relação entre cooperação e educação é de difícil execução. Vale lembrar que segundo Frantz (2001), na organização cooperativa, a educação tem como base os interesses, as necessidades dos cooperados e os objetivos da associação de pessoas. Essa é a maior força pedagógica do processo educacional cooperativista.

No entanto, o Programa, diante de todo processo de participação e de evolução que busca, como demonstrado aqui, intitula-se como um Programa de formação, no qual deixa oculto a educação cooperativista que oferece a sua base social. Observa-se que não existe distinção entre formação e educação e de sua real necessidade quando se lê materiais sobre o Programa. Nas definições do Programa Agentes Comunitários de Desenvolvimento pronuncia-se apenas a palavra formação, quando na verdade o processo tem cunho educacional predominante, que vai além da formação.

Na pesquisa de campo realizada na Cresol Águas Mornas observou-se que esta não distinção entre formação e educação pode estar trazendo consequências como: não se valorizar devidamente a participação do Agente nos encontros, não levar adiante as propostas dos Agentes para os espaços de decisão da cooperativa.

Percebe-se, diante das respostas dos participantes entrevistados, que faltam os Agentes se sentirem incluídos nas discussões e serem ouvidos nos encontros, para se sentirem valorizados, já que eles representam o cooperado. Se de um lado, para que o Agente não seja apenas mais um repassador de ideias é necessário que ele possua senso crítico, seja reflexivo sobre as discussões, de outro é crucial que ele seja de fato ouvido pelos dirigentes,

colaboradores e conselho da Cooperativa. Somente nesse processo efetivo de mediação social serão tomadas as decisões que realmente favoreçam o cooperado, como corrobora o trecho de entrevista a seguir:

O Programa tem um perfil educativo. Ele não é um programa de treinamento. Aliás, esse sempre foi um dos pontos que provocava acaloradas discussões entre os dirigentes e os técnicos da área de educação. Sempre se primou para um processo de formação com análises reflexivas da realidade e, a partir dela, ser capaz de construir alternativas e soluções, sejam técnicas e/ou organizativas (IDEALIZADOR DO PROGRAMA, CRESOL BASER).

O Programa Agentes Comunitários de Desenvolvimento traz muitos benefícios para a cooperativa que o realiza, porém identifica-se a necessidade de a Cooperativa que o executa de acompanhar a evolução da sociedade e ajustar os temas dados para os dias atuais, para que se tenha um cunho mais educativo na prática e não somente formativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao primeiro objetivo específico proposto, no qual diz respeito a distinção do caráter educativo, formativo e informativo de acordo com o quinto princípio do cooperativismo, percebeu-se que a educação cooperativista é, na prática, ainda pouco entendida e até confundida com a formação cooperativista. Na própria literatura acadêmica a diferenciação entre uma e outra, embora exista, está ainda pouco explorada. Falta textos e reflexões que aprofundem a discussão dessa problemática, tão cara ao desenvolvimento das cooperativas.

A ausência de clareza sobre isso para quem elabora e executa processos educativos no seu dia a dia acaba fazendo com que o potencial da educação cooperativista se perca. Muitas vezes o trabalho de uma cooperativa que se diz educativo acaba se concentrando em ações de formação/capacitação ou em processos de cunho meramente informativo. Também é verdade que é um grande desafio ter um programa de formato educativo, que possa ser aplicado nas diversas realidades de um país como Brasil, de norte à sul. Porém, existem alguns materiais, cartilhas e cadernos para ajudar as cooperativas a executar a educação cooperativista e ajustá-la às suas especificidades, os interesses dos associados e as perspectivas de desenvolvimento. Uma pessoa que vai participar de uma cooperativa e desconhece o princípio de educação, por exemplo, pode menosprezar o real sentido da cooperativa em sentido mais amplo.

Diante dos fatos abordados, pode-se perceber que a educação cooperativista, realmente acontece quando há disposição para a superação de desafios por parte de todos os envolvidos, como os dirigentes, colaboradores, cooperados. De acordo com o objetivo específico voltado a

relevância do Programa Agentes, a pesquisa identificou que o referido Programa é um dos mais importantes e antigos do Sistema Cresol. Ele tem função nobre e transformadora na comunidade local, pois possibilita o envolvimento da comunidade com a cooperativa, quando explorado seu potencial. O que o torna único. É um Programa, que por ser executado com base em teorias educacionais, ainda é pouco compreendido como uma poderosa ferramenta de desenvolvimento da sociedade local e da cooperativa que realiza o operacionaliza.

O programa é aliás, é um processo de formação com análises reflexivas da realidade. Ou seja, muito além da restrita formação volta-se à uma construção social de caráter educacional. No que diz respeito ao terceiro objetivo específico proposto, sabe-se que a formação de lideranças na qual o Programa se propõe é um trabalho de longo prazo, em permanente construção. O Programa, quando executado pela cooperativa, deve obedecer um cronograma específico de encontros mensais do grupo, para que haja um ritmo de trabalho, e a continuidade do processo de suscitação de reflexão, aprendizado e trocas. Um líder em construção questiona, se envolve, aprende, provoca e é capaz de transformar. E sua educação é um processo contínuo, o qual pode ser desenvolvido por meio de estímulos como o Programa Agentes. O incitar da formação, da educação de atores sociais transformadores de realidades locais é a oportunidade de ouro que todas as cooperativas singulares deveriam aproveitar para ficar próxima do seu quadro social e diferenciar-se de fato de um banco.

De uma perspectiva macro, atualmente, parece que a questão chave não está somente em quem dá as diretrizes para o Programa e nem em quem participa como Agente, mas pode estar em quem lida com o Programa diariamente, como os coordenadores do Agentes Comunitários de Desenvolvimento na Cooperativa, por exemplo. Este, deve receber certo nível de educação cooperativista para acompanhar a realidade que se vive hoje dentro do Sistema Cresol. Também, todos os diretores, colaboradores e atuantes diários das cooperativas (desde o caixa, analista de negócios ao conselheiro) poderiam estar mais inseridos dentro do mundo do cooperativismo solidário, assim conseguiriam refletir sobre o que estão fazendo no dia a dia bem como os objetivos que pautam suas ações cotidianas.

Por meio deste trabalho, pôde-se analisar os processos educacionais cooperativistas, como mencionado no objetivo geral da pesquisa, e observar que as pessoas do quadro social da cooperativa analisada necessitam passar por este processo de transformação. Essa não valorização substancial dos processos educativos como tais não é exclusividade do Sistema Cresol. É sabido que a educação nos países de cultura ocidental, em especial no Brasil, ainda tem muito a ser modificada até que, de fato, os indivíduos se construam como parte de uma

sociedade reflexiva, questionadora e transformadora. A própria cultura cooperativista, ainda muito pouco difundida no Brasil, influencia e recebe influência deste pouco interesse dado a educação libertadora.

Nesse sentido é possível identificar as percepções dos Agentes Comunitários de Desenvolvimento da Cresol de Águas Mornas e entender que sua caminhada educacional está apenas começando. De acordo com que se pode observar, a Cresol Águas Mornas é uma cooperativa exemplo no avanço dos processos de educação dentro do Sistema Cresol, que vem se esforçando para que isso aconteça de fato. Sabe-se que os desafios diários da Cooperativa não estão resumidos ao trabalho dos Agentes, pois construir cooperativismo é desafiador nos dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONI, V; QUARESMA, S, J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.68-80, jan. 2005. Semestral.
- BURIGO, L.F.; Cooperativa de crédito rural: agente de desenvolvimento local ou banco comercial de pequeno porte? Editora Argos, Chapecó, 137 p. 2007.
- FERREIRA, G. M.V.; SILVA, D.F.; Educação cooperativista. Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico, Rede e-Tec Brasil, 2015, 65p.
- FRANTZ, W. Educação e cooperação: práticas que se relacionam. Sociologias. Porto Alegre, ano 3, n. 6, p. 242-264. 2001.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 27ª ed., São Paulo, Editora Paz e Terra, 184 p. 1987.
- INSTITUTO DE FORMAÇÃO DO COOPERATIVISMO SOLIDÁRIO. Infocos. Programa Agentes Comunitários de Desenvolvimento: Cresol comunidade: caderno do agente v. 2. Francisco Beltrão: Grafisul, 2016. 78 p.
- MACHADO, C. L. B., CAMPOS, C.S, PALUDO, C.; Teoria e prática da educação do campo. Análises de experiências. MDA, 236 p., Brasília, 2008.
- RECH, T.D.; Infocos. Gercoop: capacitação em gerenciamento de cooperativas de crédito: modulo V: fundamentação do cooperativismo: evolução, histórico e perspectivas. 2. ed. Francisco Beltrão: Grafisul, 2017. 244 p.
- RUAS, E.D., Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável (MEXPAR), EMATER, MG, 2006. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2099413/mod_resource/content/0/LIVRO%20MEXPAR.pdf> Acesso em 13 de out. 2017.
- SCHNEIDER, J.O.; Democracia, participação e autonomia cooperativa. 2 ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.
- _____, J.O.; HENDGES, M. Educação e capacitação cooperativa: sua importância e aplicação. Revista Economia solidária e Ação cooperativa. p. 33-48. Unisinos, São Leopoldo, RS, 2006.